

IMPRESSO



A SERVIÇO  
DOS POVOS  
INDÍGENAS



SETEMBRO / OUTUBRO - 2010

EDIÇÃO Nº 183

ISSN 1679-2335

**O futuro depende  
de nossas escolhas**

É tempo de ELEIÇÃO. Eleição significa ESCOLHA, OPÇÃO, PREFERÊNCIA...

Não é somente uma questão de escolher o melhor candidato para servir o povo no governo ou no legislativo. A cada momento precisamos escolher, optar.

Progresso e Desenvolvimento:

Na abertura da Transamazônica, em 1970, o então presidente da FUNAI, General Bandeira de Melo, discursando em Manaus afirmava que o índio não poderia ser um quisto para o desenvolvimento. Para ele – e para o governo militar - o desenvolvimento era a rodovia Transamazônica e os “índios” eram dezenas de povos ainda não contatados, cujas terras seriam cortadas pela estrada. Com o avanço do “Progresso” os índios tinha-se refugiado nas cabeceiras dos rios, cabeceiras que a rodovia ia cortar. O governo escolheu um tipo de progresso que passava por cima dos índios, destruindo quilômetros de floresta. Na época o sertanista Antônio Cotrim Soares pediu demissão do quadro da FUNAI para não se tornar “coveiro de índios”. Ele fez sua escolha e preferiu perder o emprego.

No *Acampamento Terra Livre* os indígenas falaram de desenvolvimento. Isto é, o modelo de progresso e desenvolvimento predatório (mesmo quando maquiado com o qualificador “sustentável”) não envolve o povo; só gera lucro para os ricos. Quando os sojeiros e os madeireiros desmatam centenas de milhares de hectares de mata, olha o prejuízo para a Amazônia, olha as conseqüências para o

clima! A cada dia vemos enchentes, secas, extremo calor, a Mãe Natureza sofrendo e seus filhos também. E quem ganha com isso? Para os bolsos de quem vai o lucro? Isso é progredir? Quem progride? Será que vamos escolher, optar por este tipo de desenvolvimento?

Esta não é a escolha dos povos indígenas, dos povos tradicionais. Nós procuramos o desenvolvimento do bem viver, o progresso que leva todos a ter o necessário para viver bem em paz e harmonia entre si e com a Mãe Natureza. Todos os dias vemos guerras e o aumento de violência nas ruas de nossas cidades e no campo. Em grande parte isso é porque uns escolhem viver pelo lucro, pelo dinheiro.

Dinheiro é progresso? Dinheiro pode ser necessário, mas não a qualquer custo. Olha a droga que mata inúmeros jovens; olha as armas que são vendidas para matar; olha o tráfico de seres humanos. Tudo dá muito dinheiro e causa muito sofrimento. Olha o garimpo e a mineração. Já viu o Alto Tocantins quando no lado direito as águas se tornam turvas que parece o encontro das águas em Manaus? Já visitou o rio Xingu na aldeia Gorotire onde não dá mais para ver o fundo do rio devido a turbulência da lama e do mercúrio? Já experimentou o excesso ou a falta de chuva devido ao desmatamento excessivo?

O progresso tem que respeitar a natureza, tem que ser para todos, não só uma minoria. Progresso tem que ser saúde, instrução, bem viver para todos. Progresso não é destruição, aproveitamento, lucro para poucos.

Faça a sua escolha! Faça sua opção pela vida e a vida para todos!



**Publicação do Conselho Indigenista Missionário**

Esta Revista nasceu em 1979 por iniciativa de 5 tuxauas

É uma revista de: informação  
formação e  
intercâmbio a serviço  
dos Povos Indígenas

ISSN 1679-2335

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: ARTUR DIAS.

Correspondência para:

Caixa Postal 41

CEP 66.017-970 - Belém - Pará - Brasil

Telefone: (091) 3252 - 4164 | Fax: (091) 3252 - 2312

E-mail: [cimiblm@amazon.com.br](mailto:cimiblm@amazon.com.br)

Site: [www.mutiraoamazonia.org.br](http://www.mutiraoamazonia.org.br)



*Instrumento usado pelos mensageiros no Alto Amazonas. Com ele avisavam as aldeias quando traziam notícias.*

# ACAMPAMENTO TERRA LIVRE 2010

O Acampamento Terra Livre (ATL) é um dos eventos principais do movimento indígena no Brasil. Este ano foi descentralizado e ocorreu em Altamira no Pará de 9 a 12 de agosto e em Campo Grande em Mato Grosso do Sul de 16 a 19 do mesmo mês.

## ALTAMIRA

Cocares coloridos, rostos e corpos pintados, discursos emocionados e firmes. Esse foi o clima durante o *Acampamento Em Defesa do Xingu, contra Belo Monte*. As cerca de 500 pessoas presentes (indígenas, ribeirinhos, agricultores e representantes de movimentos sociais) reuniram-se para discutir sobre os graves impactos ambientais e sociais causados pelas grandes obras do Governo Federal.

continua na próxima página

Campo Grande, MS. Foto: Cimi Secretariado Nacional



Altamira, PA. Foto: Verena Glass



Altamira, PA. Foto: Verena Glass



Com uma programação rica e com a presença de especialistas convidados para apresentar seus trabalhos sobre a temática, o encontro debateu os grandes empreendimentos para a Amazônia brasileira, como as hidrelétricas de Belo Monte e de Jirau e a construção de rodovias, como a BR-163, que liga Cuiabá (MT) a Santarém (PA).

Representantes dos povos indígenas da Amazônia e dos principais movimentos indígenas do país se reuniram neste Acampamento Terra Livre Amazônico para lutar *"pela vida, pela cultura e biodiversidade e floresta e discutir os impactos dos grandes projetos na região, especialmente a Usina de Belo Monte"*. Concluíram com uma marcha em ritmo de ritual indígena pelas ruas de Altamira. Publicaram um manifesto *"em favor da preservação do Rio Xingu e todos os rios do Brasil"*. Recordaram a des-

truição e a morte provocadas pelos grandes projetos implantados de forma autoritária pela ditadura militar com suas consequências terríveis que levaram alguns povos indígenas à beira da extinção. Denunciam que:

*"O modelo de desenvolvimento econômico, em benefício de poucos, continua o mesmo, assim como a forma autoritária de implantação dos grandes projetos. Belo Monte é um exemplo claro. Os estudos de impacto ambiental foram feitos para respaldar a obra e não para medir os reais impactos socioambientais. Os povos indígenas e comunidades tradicionais atingidas não foram devidamente ouvidos como determina a Constituição Federal, a Convenção 169 da OIT e a Declaração da ONU sobre os povos indígenas, nem tampouco os cientistas que sistematicamente alertam sobre as graves falhas do projeto."*

Altamira, PA. Foto: Verena Glass



E dizem ainda:

*"Queremos alertar a todos, que a Amazônia será irreversivelmente comprometida se continuar a loucura da super-exploração dos seus recursos naturais."*

Comprometem-se a:

*"...fortalecer a aliança dos povos indígenas, ribeirinhos e demais comunidades da Amazônia na luta para assegurar integridade de seus espaços territoriais e para construir o futuro da região a partir das suas experiências de vida. Solicitamos o apoio da sociedade do campo e da cidade, pois a vida da Amazônia está em risco."*

*"Toda vez que nos unimos, reforçamos nosso movimento. Não devemos ter medo da polícia, do fazendeiro, de ninguém que está ameaçando a natureza. Natureza é vida, ela nos sustenta até hoje, por isso, temos que defendê-la como pai e mãe que nos dá vida".*

(Cacique Raoni Kayapó)

Altamira, PA. Foto: Verena Glass





## C A M P O G R A N D E

Em Campo Grande, o Acampamento foi instalado na aldeia urbana "Marçal de Souza", a primeira Aldeia Urbana do país, que foi fundada na década de 90. Cerca de 800 indígenas de todo o país se reuniram para analisar a atual situação dos direitos indígenas a partir de ações e resultados das edições anteriores do ATL.

Romancil Kretã, liderança Kaingang do Paraná soube sintetizar as razões do evento estar acontecendo em Campo Grande. "Este é o estado do Brasil que mais discrimina os povos indígenas e precisamos mostrar esta realidade para a sociedade! Somos estrangeiros dentro de nossas próprias terras, pois

a Constituição brasileira não é respeitada e as leis que surgem só marginalizam os povos indígenas!", declarou: "Este é um estado em que um boi vale mais que uma criança, um lugar em que a cana vale mais que todo o povo indígena reunido", denunciou Anastácio Peralta, liderança Guarani Kaiowá

Irajá Pataxó falou em nome dos povos indígenas do nordeste e ressaltou o problema da criminalização. "Somos os donos desta terra e eu venho da Bahia, um estado onde três lideranças indígenas estão presas por lutar por suas terras e por seus direitos! Nosso povo precisa de dignidade!"

A pauta extensa deste sétimo ATL incluiu as principais questões que afetam os povos indígenas. O resultado dos debates e declarações foi uma Carta Pública pelo "direito a viver bem em nossas terras" dirigida à opinião pública nacional e internacional; aos candidatos à Presidência da República do Brasil; ao Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva; às distintas instituições governamentais e não governamentais com atuação junto aos povos e comunidades indígenas.

Na carta, as lideranças manifestam sua solidariedade com as múltiplas situações de sofrimento dos povos indígenas no Brasil

continua na próxima página



Campo Grande, MS. Foto: Cimi Secretariado Nacional



ou submetidas sob pressão do latifúndio e do agronegócio, da pecuária e das grandes plantações de cana de açúcar e de eucalipto, sob olhar omissivo, a complacência ou a morosidade dos órgãos públicos. Aqui, um boi, um pé de cana, o eucalipto, a soja, valem mais que a vida de uma criança indígena, que uma vida humana.”

A Carta trata da criminalização e os grandes projetos e continua:

“Não pode mais prevalecer sobre a vida e o bem viver dos nossos povos e da própria humanidade, a imposição de um modelo de desenvolvimento depredador, voltado a satisfazer apenas os interesses, o bem-estar e o exacerbado consumismo de uma minoria. Mesmo submetidos a mais de 500 anos de genocídio e etnocídio contínuo, os nossos povos têm muito a ensinar e contribuir com seus saberes ancestrais e com a preservação de seus territórios, a sobrevivência do planeta terra e da humanidade.”

com destaque para a situação dos povos em Mato Grosso do Sul:

“...O Brasil, especialmente no atual governo, prestes a se somar as grandes potências econômicas do mundo, tem se apresentado mundo afora como um país exemplarmente democrático, com grandes feitos na área social e altos índices de crescimento econômico.

Contudo, a situação de crescimento e progresso, almejado e promovido pelo governo e as elites deste país, não condiz com a situação de abandono e de miséria vivida pela maioria dos nossos povos, principalmente, em regiões como Mato Grosso do Sul, onde comunidades Guarani Kaiowá vivem confinadas em territórios diminutos ou acampadas na beira de rodovias, aguardando a demarcação de suas terras, invadidas

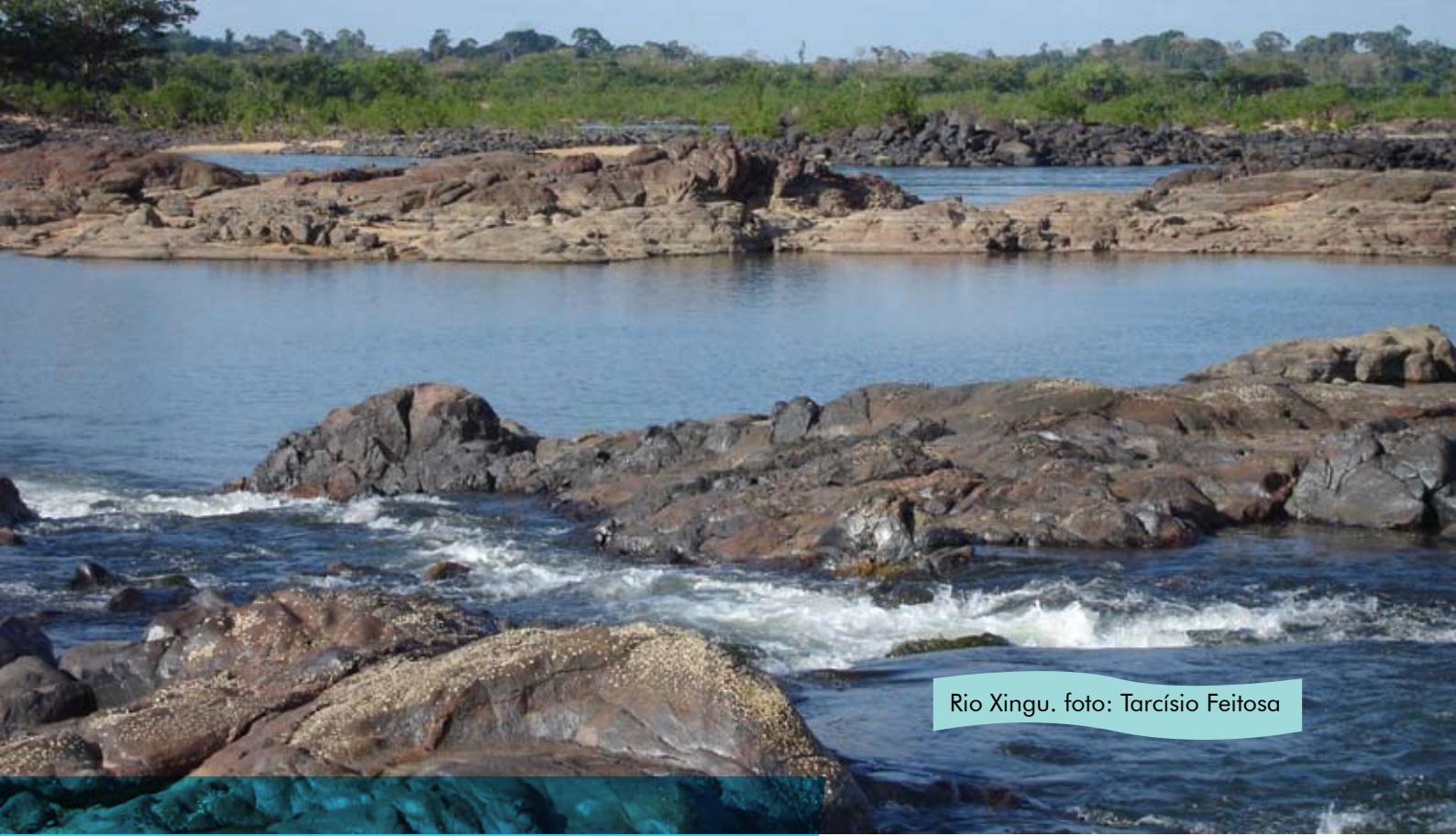
desenvolvimento depredador, voltado a satisfazer apenas os interesses, o bem-estar e o exacerbado consumismo de uma minoria. Mesmo submetidos a mais de 500 anos de genocídio e etnocídio contínuo, os nossos povos têm muito a ensinar e contribuir com seus saberes ancestrais e com a preservação de seus territórios, a sobrevivência do planeta terra e da humanidade.”

E conclui com reivindicações, que são também sugestões práticas e concretas para o governo. Estas são organizadas pelos temas de:

- Terra
- Grandes empreendimentos
- Saúde indígena
- Educação indígena
- Reestruturação da Funai



# VIVA A ALIANÇA DOS POVOS DOS RIOS E DAS FLORESTAS!



Rio Xingu. foto: Tarcísio Feitosa

## **Queremos nossos Rios Vivos e Livres, por isso exigimos:**

- A suspensão total e imediata da construção de barragens em nossos rios;
- Que sejam acatados os estudos de diversos especialistas que propõem a repotenciação das UHEs mais antigas;
- Investimentos imediatos na melhoria da qualidade das linhas de transmissão de energia;
- Que o Plano Decenal de Expansão Energética aumente a porcentagem de investimentos em pesquisas e implementação de fontes de energias verdadeiramente limpas e renováveis.

*Carta dos 4 Rios  
Itaituba  
27 de agosto de 2010*

**E**ste foi o grito, a declaração dos quase 600 indígenas, ribeirinhos, agricultores reunidos em Itaituba, à beira do Rio Tapajós de 25 a 27 de agosto de 2010. Juntos, formaram uma aliança para proteger os quatro rios: Madeira, Tapajós, Teles Pires e Xingu das investidas do governo federal com seus planos de construir usinas hidrelétricas com barragens que destroem os rios. Os participantes representam mais de 50 entidades de indígenas, de mulheres, de Direitos Humanos, de defesa ao ambiente, de igrejas, de justiça e paz. Além destas, estavam presentes especialistas de diversas áreas que mostraram os graves impactos sociais e ambientais que já ocorreram em Rondônia com as obras de Santo Antônio e Jirau.

O Ministério Público Federal, na pessoa do Procurador Felício Pontes, esclareceu as ilegalidades cometidas nos processos de licenciamento e instalação dos projetos do rio Madeira e de Belo Monte. Ainda tramitam nove processos na justiça contra Belo Monte.

Os novos aliados elaboraram a Carta dos 4 Rios que já foi amplamente divulgada. Ela denuncia com detalhes as situações de miséria das populações atingidas pelas obras no rio Madeira em Rondônia. Lembra que:

*"Historicamente no Brasil todos os grandes projetos de infra-estrutura sempre trouxeram destruição e morte aos modos de vida dos seus povos originários e populações tradicionais em benefício de grandes grupos econômicos. A construção de hidrelétricas como a de Tucuruí, no Pará, Samuel em Rondônia, Estreito no Tocantins e Balbina no Amazonas são exemplos claros dos males que esse modelo de desenvolvimento produz".*

A carta condena:

- *o autoritarismo dos governos, tanto civis como militares, que usa de força, cooptação e criminalização para impor seus projetos.*
- *a privatização "...de nossos recursos naturais, que provocam insegurança e degradação de povos, culturas e sabedorias milenares, das nossas florestas, dos nossos rios e*



Rio Teles Pires. Foto: Cidinha Rossi



Lago Cuniã - Margem esquerda do Rio Madeira. foto extraída do álbum virtual "O melhor de Rondônia"

*da nossa sociobiodiversidade".*

- *"os grandes empreendimentos por significarem acúmulo de capital, concentração de terras e de poder político sobre nossas vidas".*

Sobretudo, a Carta defende:

*O "bem viver" como princípio de vida em contraponto à lógica da acumulação, da competição, do individualismo, da superexploração dos trabalhadores e trabalhadoras e dos nossos recursos naturais;*

*Um projeto de integração de nossos povos, com respeito à sociobiodiversidade e aos nossos modos tradicionais de produção que geram qualidade de vida e segurança alimentar.*



Praia fluvial de Alter-do-Chão, Rio Tapajós, Santarém, Pará. Foto: Elias





# SÓ VOTAR NÃO BASTA

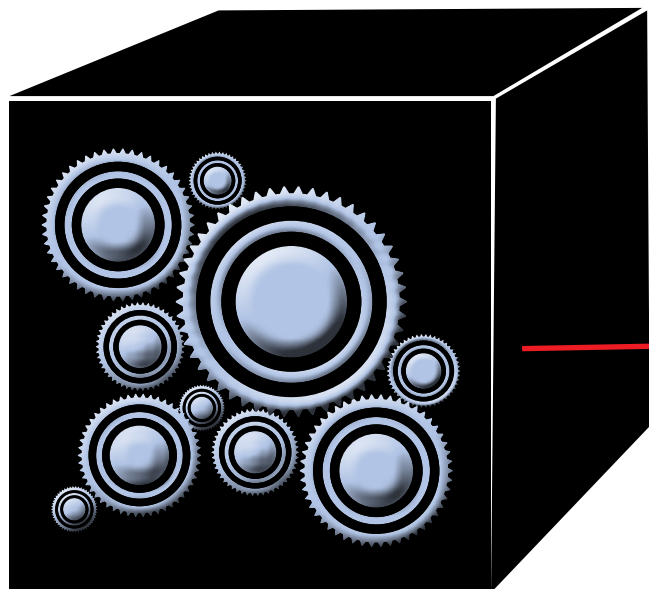
**Q**uando tem eleição, é aquela dúvida: quem serão os candidatos com as melhores propostas para a nossa comunidade? pela TV, rádio, comícios, reuniões na comunidade, o povo vai conhecendo os candidatos, até que no dia marcado, vai, vota e acabou. Será que é só isso?

Acontece que nem sempre o candidato em quem votamos se elege. Além disso, acontece tanta coisa na política que nem se uma pessoa passar o dia todo lendo jornal e vendo televisão, ela vai ficar sabendo das coisas. Então quer dizer que o eleitor só influencia a vida do país na hora em que vai votar?

Para responder a essa pergunta, vamos encontrando alguns problemas no caminho.

A eleição existe para que sejam escolhidas as pessoas que vão determinar os rumos da sociedade: como administrar a economia, meio ambiente, saúde, educação.

Mas a sociedade humana é cada vez mais complexa, com muitas necessidades e interesses diferentes para aten-



A política existe para dar conta da complexidade da vida em sociedade. Será que nós estamos preparados para entendê-la e mudá-la?



der. Por isso, cada vez mais se precisa de técnicos especializados para realizar essas tarefas.

Por isso, o Estado precisa saber, por exemplo, quais são as doenças mais comuns numa determinada região, para decidir se vai construir hospitais ou melhorar o saneamento básico.

Essas escolhas aqui não são apenas técnicas: elas são feitas com base numa idéia de política que, cada vez mais é determinada pelo desejo dos políticos de se manter no poder.

Sabendo disso, as empreiteiras, as mineradoras, o latifúndio se tornaram financiadores milionários de campanhas políticas. Assim se junta o interesse de um em se manter no poder e de outro em ganhar dinheiro.

Por que se decide pela construção de uma hidrelétrica, destruindo rios e florestas, e deslocando populações tradicionais? Porque se cria um "argumento técnico" para justificar a necessidade de geração de energia, segundo o qual, a economia será impulsionada pelas grandes empresas que consomem grandes quantidades de energia elétrica.

Dá para perceber que não foi só o voto seu, meu ou do vizinho que levou à criação dessa idéia toda sobre energia?

Outro problema é sobre a informação: o certo, para evitar que os maus políticos se mantenham no poder, é ser bem informado. Mas como ser informado se dificilmente os meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio, jornal) ajudam a conhecer toda a verdade sobre os candidatos?



Em geral, os meios de comunicação preferem não ir fundo nas perguntas, nem apurar a verdade sobre as falcatruas, para depois não sofrerem algum tipo de represália dos políticos.

A internet (à qual nem todo mundo tem acesso) ajudou a distribuir informações melhores e mais confiáveis, mas não é verdade que a internet tem toda a informação que precisamos. A informação, hoje, ainda é privilégio dos poderosos, e é por isso que eles fazem questão de controlar a comunicação, para que a sociedade fique também sob controle.

## É preciso participar ativamente!

Tudo isso não quer dizer que nós estamos nas mãos dos políticos. Esses exemplos servem para nós vermos que a escolha do candidato não pode ser considerada a parte final da nossa participação na vida do país. Existem formas de influenciar nas decisões, como os movimentos sociais.

Para criar esses espaços, é importante se reunir com pessoas conhecidas, buscar outras fontes de informação que não sejam apenas a televisão, jornal ou rádio. É preciso ter uma visão crítica, não se satisfazer com respostas prontas.

Essa eleição está sendo muito importante para denunciar as ameaças que as obras do PAC representam para as terras indígenas. Há muito tempo vemos que os setores econômicos, se pudessem raspar as aldeias de cima da terra pra construir seus "empreendimentos produtivos", eles já teriam feito isso. Como



Joênia Wapixana, em Assembléia dos Povos Indígenas de Roraima: participação indígena marcou o quadro político do Estado.

os povos indígenas se organizam e denunciam, exigindo o cumprimento dos seus direitos, são tachados de "entraves ao progresso".

É preciso saber o que as propostas dos candidatos representam para os territórios indígenas. Mas não apenas as propostas, que podem ser até razoáveis. É preciso ficar atento à execução dos programas de governo, e não abrir mão dos seus direitos.

*Veja ao lado como as decisões governamentais podem passar sem que a gente note:*

# Verba Pública: para onde vai?

Noticiou-se a liberação de recursos do BNDES para o dito "homem mais rico do Brasil" reformar um hotel de luxo no Rio de Janeiro.

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) anunciou os primeiros financiamentos da linha ProCopa Turismo, destinada a reforma e construção de hotéis para a Copa do Mundo de 2014.

O Hotel Glória, comprado em 2008 pelo empresário Eike Batista, receberá R\$ 146,5 milhões, e a GB Copacabana Administração Hoteleira, R\$ 11,6 milhões, para a construção de um hotel da rede Ibis em Copacabana.

O objetivo é tornar o Glória um dos hotéis de alto luxo do Rio. O investimento total na reforma será de R\$ 260 milhões, sem contar o valor de aquisição do prédio.

A linha de crédito dos hotéis tem orçamento de R\$ 1 bilhão. O ministro do Turismo, Luiz Barretto, disse que o governo já está conversando com o banco sobre a possibilidade de ampliar o valor da linha de financiamento. A carteira do programa, entre operações aprovadas, em análise e em perspectiva, chega a R\$ 709,4 milhões. *(Extraído de reportagem de Janaína Lage, do Rio de Janeiro)*

A título de comparação, vejamos a situação do Orçamento Indigenista:

- as demarcações de terras indígenas encontram-se paralisadas. De R\$ 30 milhões previstos para 2010 no Orçamento Geral da União, foram gastos apenas pouco mais de R\$ 2,4 milhões;

- as comunidades sofrem com a precariedade no atendimento à saúde indígena. Dos R\$ 46 milhões destinados a estruturação de unidades de saúde para atendimento a população, o governo só desembolsou pouco mais de R\$ 1 milhão;

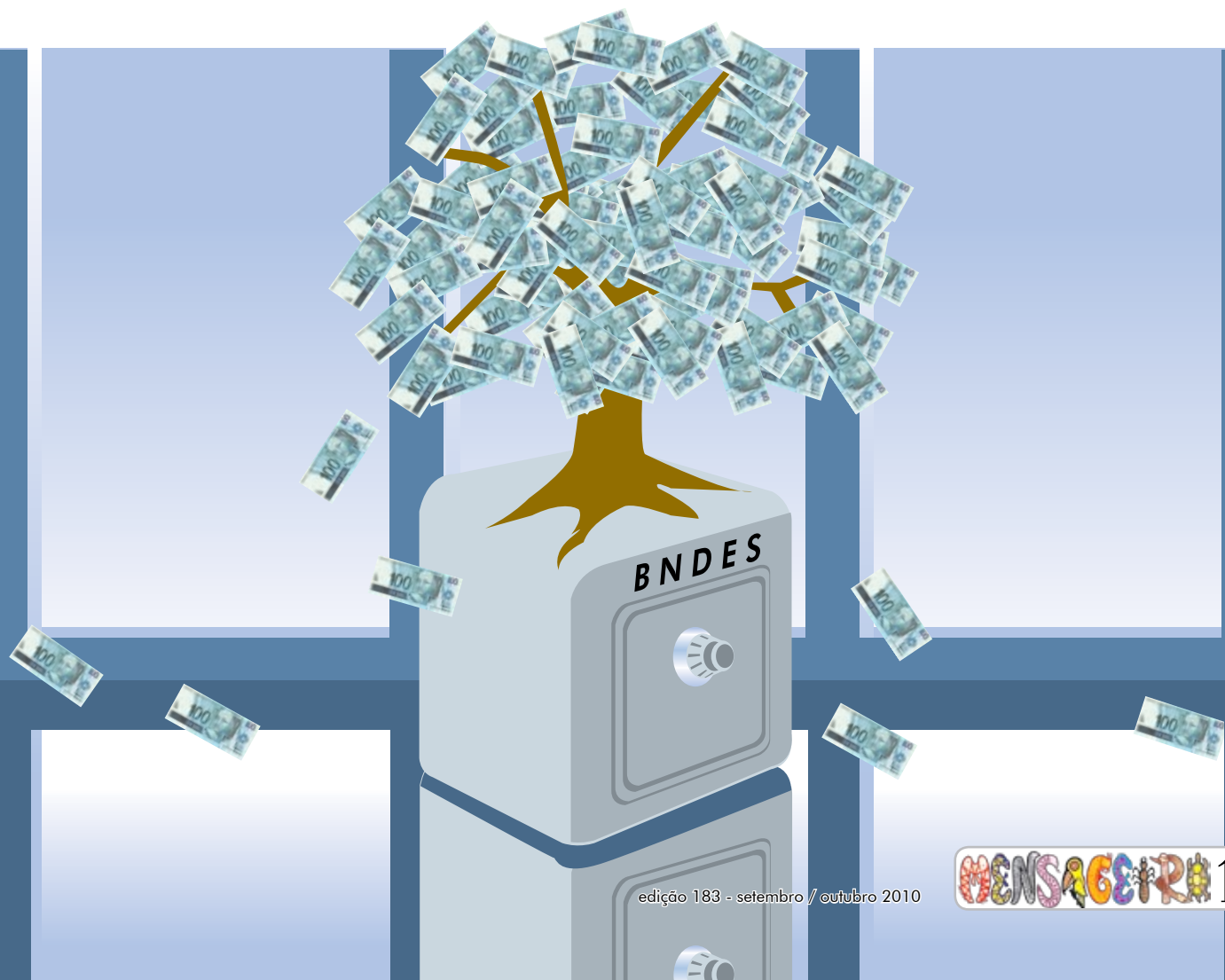
- Na questão quilombola a realidade não é diferente. Dos R\$ 10 milhões previstos para demarcação e titulação de áreas remanescentes de quilombos, o governo federal só gastou pouco mais de R\$ 1,2 milhões;

- Nem o orçamento voltado para as crianças e adolescentes escapa. Segundo o Inesc, o "ritmo de execução das ações do Orçamento Criança e Adolescente (OCA) caminha a passos lentos.

Nos exemplos acima observamos que, além de dispor poucos recursos, estes segmentos da sociedade ainda sofrem com a falta de execução orçamentária para áreas extremamente importantes.

É importante que os índios comecem a acompanhar mais de perto este tema, visto que são os mais prejudicados e sempre ouvem da Funai que esta não pode fazer nada por falta de recursos.

*Eduardo Holanda - Cimi Secretariado Nacional*



# BRASIL AINDA MUITO LONGO RESPEITAR OS DIREITOS INDÍGENAS

(A partir de reportagem de Danilo Augusto)

O Conselho Indigenista Missionário - Cimi, lançou, no dia 09 de julho o *Relatório de Violência Contra Povos Indígenas no Brasil 2009*.

O Relatório mostra que no ano passado, aconteceram 60 assassinatos, 16 casos de tentativa de assassinato e 19 suicídios.

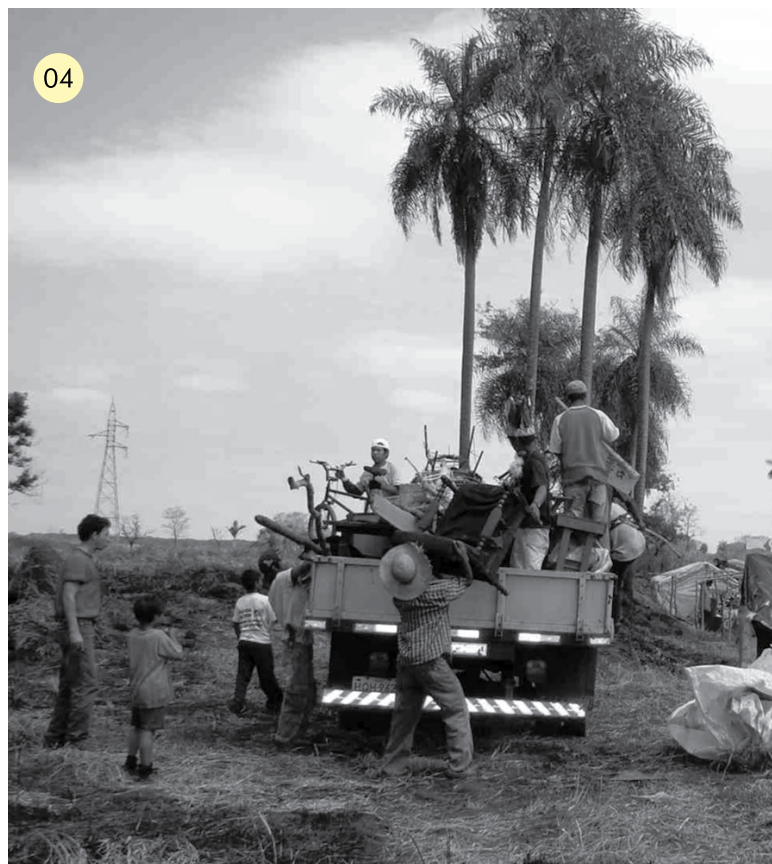
Mais uma vez – se comparado ao Relatório de 2008 – o estado de Mato Grosso do Sul (MS) continua sendo o mais violento do país. Foram 33 indígenas assassinados, o que representa 54% do total de 60 casos apresentado pelo documento. Para o secretário adjunto do Cimi, Saulo Feitosa, a atuação do agronegócio no estado e a omissão do governo federal em relação às questões indígenas são responsáveis pela violência na região.

Saulo ainda afirmou:

*"O Estado brasileiro é o principal responsável. A Constituição Federal determina que o governo demarque e proteja*



*todas as terras indígenas do país. Como essas terras não estão protegidas e nem demarcadas, as invasões permanecem e resultam nesses dados de violência apontado pelo relatório. O Mato Grosso do Sul é uma área de expansão do agronegócio. Além da pecuária há também a monocultura da soja e agora, a expansão da monocultura da cana. Com isso os índios acabam sofrendo com a expan-*





*são desses monocultivos que avançam em seus territórios.”*

O documento foi enviado aos organismos de defesa de Direitos Humanos – nacionais e internacionais – legisladores, juízes e demais autoridades.

- 01 - Lançamento do Relatório;
- 02 - Ritual Guarani (Foto: Egon Heck)
- 03 - Manifestação na visita de Lula à cidade de Dourados, MS;
- 04 - Despejo da comunidade Laranjeira Nhanderu - Povo Guarani kaiowá - MS - arquivo Cimi



## Vítima mais recente

O missionário Gilberto Vieira dos Santos, integrante do Conselho Indigenista Missionário – Cimi, relata que no dia 5 de agosto foi encontrado morto nos arredores da cidade de Santa Terezinha, Mato Grosso, o indígena Matukari Karajá.

Ele tinha aproximadamente 50 anos de idade, e morava na Aldeia Macaúba, Ilha do Bananal. Estava desaparecido há alguns dias e seu corpo, já em estado de decomposição, apresentava ferimentos de faca e pauladas.

Ele foi visto com vida pela última vez na festa de encerramento dos Jogos Regionais, que acontecem no mês de julho em Santa Terezinha. Testemunhas dizem que ele estava bastante bêbado na ocasião.

Gilberto Vieira relata que a disseminação do alcoolismo entre este povo trouxe conseqüências trágicas, e o comércio próximo às aldeias incentiva a doença entre os indígenas. No mês de julho, quando acontecem festivais de praia nas cidades de Santa Terezinha, Luciara e São Félix do Araguaia, a população Karajá fica exposta a sérias situações de risco, sobretudo os jovens. Consumo de álcool e outras drogas, prostituição de menores, doenças graves como DST-AIDS, hoje fazem parte do cotidiano das aldeias.

Os não indígenas, em geral, por desconhecer as raízes do problema, passam a discriminar os Karajá. Esse preconceito, muito provavelmente, terá sido o motivo pelo qual o assassino atacou o senhor Matukari. Um crime por motivo fútil dá a medida do risco diário que vive a população Karajá.



# LUTA PELA S

## FÓRUM SOCIAL CO

O Fórum Social das Américas foi realizado no Paraguai de 13 a 15 de agosto. O seu ponto alto foi a Assembléia dos Movimentos Sociais, prestigiada com a presença de três chefes de Estado e cerca de cinco mil pessoas. O ato reuniu os presidentes Evo Morales (Bolívia), Fernando Lugo (Paraguai) e José Mujica (Uruguai), que aproveitaram a ocasião para discutir a reativação de um bloco energético entre os três países.

Ricardo Abreu Alemão, Secretário de Relações Internacionais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), declarou: "É muito importante que o Fórum Social das Américas tenha chegado à sua quarta edição, que mantenha continuidade. E de fato o evento tem tido regularidade, o que por si já é uma vitória dos movimentos sociais". E continuou: "Em resumo, o Fórum Social das Américas demonstra a importância desse processo do Fórum Social Mundial sintonizado com as mudanças na América Latina e com esses novos governos progressistas no continente. O Fórum tem que refletir essa realidade, que assim ele se politiza e intervém nessa realidade. Esse é o papel dos movimentos sociais. Quanto mais o Fórum Social se aproxima deste debate, mais relevante ele fica, e o 4º Fórum Social das Américas conseguiu cumprir este papel". A grande participação camponesa e indígena demonstra o caráter popular do encontro.

A seguir, Egon Heck destaca a participação indígena:

### A Vida pede passagem

Quando o cacique Ava Guarani, Ernesto, timidamente começou a agitar seu *mbaraká*, numa pequena tenda do Fórum Social das Américas, o coração do Continente pareceu acompanhar o ritmo cadenciado da sabedoria e espiritualidade milenar. Ele invocou todas as forças pelo reconhecimento do direito dos povos originários. Mas invocou em especial as energias de Tupã e dos espíritos por todas as formas de vida acolhidas e alimentadas pela mãe terra e a natureza.

"Não devemos sentir vergonha de nossa cultura. Vamos erguer nossa voz bem alto em nossas danças, para ouvir e receber a sabedoria." A voz e a invocação Guarani de Ernesto se espalharam por todos os espaços, "carpas, bloques, aulas, planta baja, planta alta, polideportivo, cantinas..." à sombra das árvores, nas ruas e calçadas por onde fluem os milhares de participantes desse fórum. Centenas de atividades autogestionadas e co-gestionadas, que terminaram com expressivos painéis e apresentações culturais no final do dia e à noite. Rigoberta Menchú, indígena da Guatemala, prêmio Nobel da Paz, juntamente com as vozes da Bolívia, Equador e Paraguai, trouxeram importantes elementos sobre o "bem viver e os direitos da Mãe Terra". As reflexões e debates são feitos na memória de milhares de heróis que neste Continente construíram grandes civilizações e derramaram seu sangue pela vida em plenitude. A recuperação dessa sabedoria impulsiona, inspira e alimenta a esperança na construção desse novo projeto civilizatório.

# SOBERANIA: CONVOCA OS POVOS

## A centralidade da vida

Uma das marcas desse Fórum é a centralidade da vida. Ela se agita, grita, apresenta em sua diversidade ameaçada, em sua espiritualidade reprimida, em sua pluralidade condenada... *"Para o capitalismo o que importa é o capital, o lucro, para o socialismo é o ser humano e para nós o mais importante é a VIDA"*, disse David Choquehuanca, chanceler, indígena boliviano, em sua fala sobre o bem viver e os direitos da Mãe Terra.

Rigoberta Menchú chamou atenção para as consequências desastrosas do modelo civilizatório colonial e do capitalismo para os povos nativos e ori-



Rigoberta Menchú: O modelo civilizatório capitalista destrói a vida dos povos indígenas. Foto: Waquini

ginários do Continente, que está provocando uma deterioração da vida comunitária, destruição de milhares de formas de vida, provocando uma decadência social, material e espiritual. Diante desse quadro de destruição e morte convoca todos os povos da resistência, movimentos sociais, lutadores e lutadores do Continente para a construção de uma agenda comum que possibilite avançar na construção dessa alternativa civilizatória, com profundo respeito à diversidade e sem sectarismos. Irene Leon falou da primavera política que vive a *Latinoamerica*, destacando *"a construção de relações harmoniosas e de interdependência entre o vivente: seres humanos entre si; seres humanos e natureza...destaca a centralidade da reprodução ampliada da vida"*.

Por isso se insistiu na necessidade de mudar o processo de produção, não pensando na acumulação, mas produzir para a vida.

## O grito dos afogados de Itaipu

Uma das mesas de debate foi sobre "os impactos de Itaipu sobre as comunidades Ava Guarani. Várias lideranças Guarani, cujos *tekoha*, terras tradicionais, foram tomadas pelas águas da hidrelétrica de Itaipu, trouxeram seu clamor diante da criminosa omissão e desrespeito da empresa Itaipu e do governo em garantir terra às 38 comunidades desalojadas com a formação do lago. Já se passam trinta anos e as famílias continuam sofrendo na diáspora forçada provocada pela Itaipu. As lideranças não apenas vem denunciar essa violação de seus direitos, mas pedem apoio de todos os povos do Continente para sua decisão de retornar à região do rio Paraná.

Neste debate proposto pela CONAPI (Comissão Nacional de Pastoral Indígena) Irmã Mariblanca fez uma detalhada exposição sobre o marco legal dos direitos indígenas, desrespeitados pela Itaipu, e as graves consequências para o povo Ava Guarani.

No final do dia houve um dos mais concorridos encontros do Fórum, onde compareceu o presidente Lugo, que poucas horas antes havia retornado ao país, após tratamento de saúde realizado no Brasil. Em saudação emocionada, agradeceu a todos destacando a importância desse momento para o fortalecimento do processo de mudanças no Paraguai.

Egon Heck  
Povo Guarani Grande Povo  
Assuncion, 14 de agosto de 2010.



# A FORÇA DA MULHER INDÍGENA NO LESTE

O Mensageiro parabeniza as mulheres indígenas do leste por seu encontro em agosto e reativação da COMIL. Estamos solidários com elas no sofrimento e lutas de seu povo. Esperamos, acreditamos e lutamos para o dia em que as coisas terão mudado de forma que os relatórios trazem mais afirmações e celebrações do que denúncias e repúdios.

## Documento Final do II Encontro Regional de Mulheres Indígenas do Regional Leste.

**M**otivadas e animadas pelo tema "A luta das mulheres indígenas pela igualdade de direitos e qualidade de vida de seus povos", nós, mulheres indígenas dos povos Xacriabá (Minas Gerais), Tupiniquim (Espírito Santo); Tupinambá de Olivença e da Serra do Padeiro, Pataxó do Extremo sul e Pataxó Hã-Hã-Hãe (Bahia), Mulheres Quilombolas e Trabalhadoras Rurais - além das entidades de apoio, parceiros e aliados - reunidas na Aldeia Caramuru, do Povo Pataxó Hã-Hã-Hãe, no município de Pau Brasil, no sul da Bahia, no II Encontro Regional das Mulheres Indígenas do Regional Leste entre os dias 13 a 15 de agosto de 2010, após profundas e ricas discussões, oficinas temáticas e mesas de debate, manifestamos e apresentamos o que segue:

**1.** Repudiamos e denunciemos a criminalização das lideranças indígenas, em especial do Cacique Babau e seus irmãos Givaldo e Glicéria Tupinambá. São insuportáveis o intenso processo de criminalização contra as nossas comunidades, as prisões ilegais, as injúrias divulgadas pela mídia local, os processos forjados e mentirosos contra as nossas lideranças e as diversas barbaridades cometidas contra os nossos povos. Em apoio aos diversos habeas corpus em curso no Tribunal de Justiça da Bahia, solicitamos a imediata libertação do Cacique Babau\* e seu irmão Givaldo, que se encontram presos em Salvador, bem como da sua irmã e nossa parente Glicéria e seu filho Éruthawã de apenas quatro meses, que encontram enclausurados em um presídio em Jequié, todos presos injusta e ilegalmente, apenas por lutar pelos direitos do povo Tupinambá. Solicitamos providências urgentes que barrem este processo de criminalização contra as nossas comunidades.



HER  
STE



ALICARAME  
15 de agosto



Cida Tupinambá.  
Foto: Keu Ribeiro

**2.** Denunciamos e repudiamos a demora na resolução da regularização dos nossos territórios e exigimos agilidade nos processos de demarcação, desintrusão e proteção destes, garantias inscritas na Constituição Federal. Reivindicamos a imediata demarcação do território Tupinambá de Olivença; a continuidade do julgamento da Ação de Nulidade de Títulos incidente sobre o território Pataxó Hã-Hã-Hãe no Supremo Tribunal Federal (ACO 312) e a retirada de seus invasores; a solução imediata e adequada dos processos de demarcação e delimitação dos territórios de Barra Velha e Cahy do Povo Pataxó no Extremo sul da Bahia; e a pronta demarcação das áreas reivindicadas pelo povo Xacriabá no norte de Minas Gerais.

**3.** Repudiamos e denunciemos a violência sistemática e ininterrupta contra as mulheres indígenas, bem como a negação de seus direitos.



Joana Xacriabá.  
Foto: Keu Ribeiro

**4.** Repudiamos e denunciemos a omissão do Estado sobre as denúncias de violação dos direitos humanos dos povos indígenas, em especial no direito à vida, à liberdade, à alteridade, à autodeterminação e aos seus territórios tradicionais.

**5.** Denunciamos, repudiamos e solicitamos providências sobre a postura e as práticas da Fundação Nacional de Saúde –FUNASA, que tem sido omissa em nossas comunidades causando muito transtornos em nossas vidas, e prejudicando muito a situação da saúde em nossa aldeia;

**6.** Repudiamos e denunciemos as inúmeras agressões cometidas contra as companheiras quilombolas, a exemplo da negação de seus direitos e às várias tentativas de supressão do direito constitucional de reconhecimento e regularização dos seus territórios tradicionais.



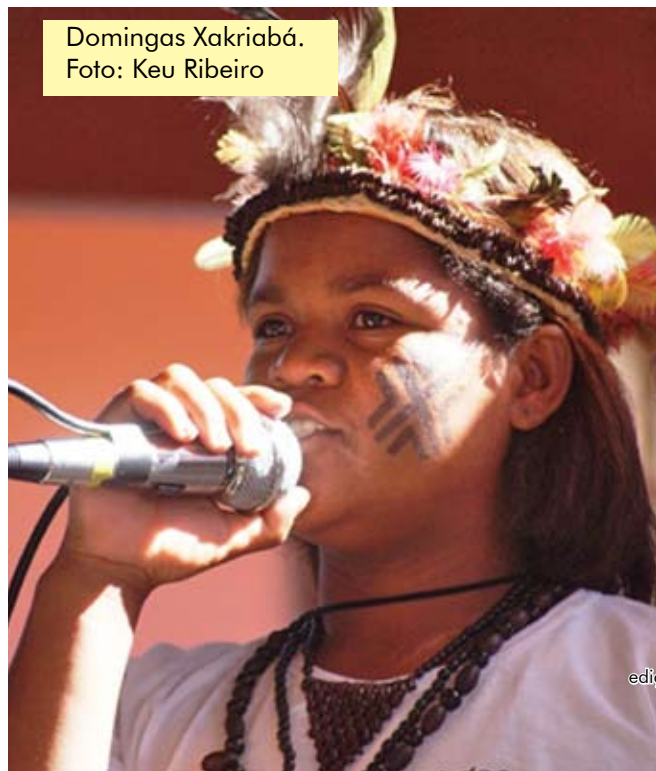
Zélia, povo Camacan.  
Foto: Keu Ribeiro

**7** Repudiamos, denunciamos e solicitamos a imediata libertação dos diversos companheiros e da companheira do Movimento Sem Terra que se encontram detidos no oeste da Bahia, de forma injusta por lutar pela realização do preceito constitucional da Reforma Agrária.



Dona Maria,  
mãe do Cacique Babau  
Foto: Keu Ribeiro

**D**efinimos pela reativação e rearticulação da Comissão de Organização das Mulheres Indígenas do Leste - COMIL - como um espaço de articulação fortalecimento das nossas lutas, e também espaço de mobilização, de troca de experiências e de saberes entre as mulheres indígenas do Regional Leste. A equipe de animadoras deste espaço definida neste Encontro ficou formada pelas parentes Marlene Alves Braz e Cleuza Vieira dos Santos, suplente Suely Alves Braz, do povo Pataxó do Extremo sul; Marilene Jesus Santos e Ilza Rodrigues,



Domingas Xakriabá.  
Foto: Keu Ribeiro

suplentes Marielma Pinto Silva e Maria D'Ájuda Souza Silva, Pataxó Hã-Hã-Hãe; Domingas Pereira e Cristina Nunes, suplentes Maria Aparecida Barros e Lílian Alves do povo Xacriabá; Margarida Pego Souza, suplente Alzira Francisco do povo Tupinikim; Maria da Glória Araújo, suplente Carolina Magalhães Pinto do povo Tupinambá de Olivença; Lúcia Maria dos Santos e Rita de Cássia Costa dos Santos, Tupinambá da Serra do Padeiro.

**R**eafirmamos o nosso compromisso com as nossas crenças, costumes e com nossos povos. Reafirmamos nossa crença no Estado Democrático de Direito e que, apesar de séculos de omissão, continuamos acreditando que o Estado Brasileiro possa reparar os erros históricos cometidos no passado e no presente contra os povos indígenas, através da efetivação dos direitos constitucionais, entre os quais o de ser diferente e viver de forma diferenciada, o direito a seus territórios e à proteção social.



**A**licerçadas em nossa história e na força dos nossos antepassados, guiadas por nossas encantadas e encantados, preservando nossas tradições e fortalecendo a cada dia as nossas articulações e parcerias, nos comprometemos a continuar na luta pela igualdade de direitos, na defesa de nossas comunidades e da qualidade de vida de nossos povos.

“Nós mulheres não queremos violência, nossa igualdade está em nossa consciência”.

*Aldeia Caramuru,  
15 de agosto de 2010.*

# CRISE CLIMÁTICA: OS GRANDES NÃO QUEREM PAGAR\*



Morador de cidade alagoana inundada em junho deste ano.  
Foto: Jornal da Rádio

O aquecimento global segue produzindo alterações climáticas extremas e graves, em todos os cantos do mundo. Resultado da emissão de bilhões de toneladas de carbono na atmosfera, todos os anos, o aquecimento global só pode ser revertido por uma decisão política, um acordo internacional. Os países ricos têm a maior responsabilidade sobre este fato, e devem ser pressionados a aderir à redução de emissões.

Uma iniciativa como a da Bolívia, de propor Fóruns alternativos para discutir o aquecimento global é bem recebida, e ajuda a ver melhor os interesses envolvidos. Ajuda a saber onde a vida está sendo colocada abaixo do lucro.



Apesar de muitos artigos, conferências e alarde sobre as condições climáticas, apesar das recentes tragédias climáticas, os países os governos relutam em tomar atitudes sérias para cortar emissões de gases que causam o efeito estufa.

Isso porque, nas negociações sobre o clima, os interesses das empresas, da economia, os lucros têm maior peso do que a preservação da vida e a biodiversidade da Mãe Terra.

É simples. Ou os países desenvolvidos vão reduzir pelo menos a metade de suas emissões nos próximo sete anos, ou o que vemos agora é apenas o primeiro episódio de uma tragédia.

Na conferência em Copenhague, eles fizeram a proposta de limitar o aumento da temperatura a dois graus Celsius, ou seja, quase três vezes o que estamos vendo agora. Nós da Bolívia e grande número de países dizemos: *Não! Nem vamos discutir isso*. O limite deve ser de um grau ou no máximo 1,5 graus. Por que? Uma razão é a nação chamada Tuvalu. Ela tem 607 metros de largura e seu ponto mais alto é de quatro metros. Se a temperatura continua aumentando, ela simplesmente desaparece debaixo da água.

Agora, depois de falar do clima em Bonn, Alemanha, temos um novo texto que tem as pro-

\*Trechos da entrevista do Embaixador da ONU na Bolívia, PABLO SOLÓN, sobre a crise climática, no programa "Democracia agora!".



Tuvalu: um país ameaçado pelo aquecimento global.

postas dos países em desenvolvimento para limitar o aumento da temperatura. Propomos criar um tribunal de justiça climática porque alguém tem que ser responsável por isso. Não pode simplesmente cuidar do mercado, do lucro. Tem que reconhecer e proteger os direitos da Mãe Terra. Este texto reflete nosso ponto de vista, as propostas que foram feitas em Cochabamba, na República popular da Conferência Mundial sobre Mudanças Climáticas e Direitos da Mãe Terra. E agora, na próxima conferência sobre clima (em Cancun, México em dezembro próximo) o que vai prevalecer?: a voz do povo? a voz da Mãe Terra? ou ainda a voz da empresa?

Por exemplo, um país diz: "Eu vou reduzir emissões de gás em 20%". Então você diz: "que bom! Isso é fantástico!" Mas na realidade ele vai comprar certificados de redução de emissões em outro país em desenvolvimento. Ele vai pagar alguém, mas não vai realmente reduzir suas emissões. Ou ele diz: "Eu estou reduzindo porque agora eu plantei umas árvores aqui - acolá." Assim não dá. Tem que dizer quanto é que vai reduzir o mercado interno, sem qualquer tipo de

brecha, sem os créditos ou qualquer tipo de mercado de carbono, sem qualquer tipo de compensação. Só assim teremos uma negociação clara e transparente.

Os Estados Unidos cortaram US\$3 milhões de ajuda para a Bolívia porque não assinamos o acordo de Copenhague. E nós dissemos: "Podem ficar com o seu dinheiro. Nós não estamos lutando por umas moedas, estamos lutando pela vida. Na Bolívia temos as geleiras e até agora já perdemos um terço delas. Se continuar assim, nossas montanhas ficarão nuas e faltará água para as pessoas e para a agricultura".

Você sabia que, a nível global, uma em oito pessoas não tem água potável? Que cada dia as mulheres no mundo gastam mais de 200 milhões de horas recolhendo e transportando água para suas casas? A Organização das Nações Unidas recentemente reconheceu pela primeira vez na história o direito humano a água e ao saneamento.

Se um país tiver um recurso natural bruto que é muito importante, deve pensar em como vai usá-lo de forma responsável e não só em seu próprio benefício. É isso que tem que mudar de verdade, porque até agora tudo foi movido por interesses o que nos levou a situação traumática em que nos encontramos hoje. É por isso que estamos promovendo um novo tipo de relação com os nossos recursos naturais. Não são somente recursos naturais, são a nossa Mãe Terra. A questão é como eu vou viver em harmonia com a natureza.



Deslizamento de terra em Blumenau - SC, 2008: Brasil sofre efeitos das mudanças climáticas. Foto: James Tavares.



Povo Arara Ugorogmo Aldeia Laranjal. Foto Hélia Gomes

# CONFERÊNCIA DO DIREITO DA MÃE TERRA

**A**pós uma semana de negociações, as principais conclusões da Conferência Mundial dos Povos sobre Mudança do Clima e do Direito da Mãe Terra (Cochabamba, Abril 2010) foram incorporados no documento das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, que agora tem sido reconhecida como um texto base para negociação para os 192 países que reuniram em Bonn, na Alemanha, durante a primeira semana de agosto de 2010.

Os pontos mais importantes que foram incorporadas para sua apreciação na próxima rodada de negociação, são os seguintes:

- Redução de 50% das emissões de gases de efeito estufa pelos países desenvolvidos para o segundo período de compromissos do Protocolo de Quioto anos 2013-2017.
- Parar o aumento da temperatura de 1 C e 300 partes por milhão de dióxido de carbono na atmosfera.
- Garantir uma distribuição equitativa do espaço

atmosférico, tendo em conta a dívida climática das emissões pelos países desenvolvidos para países em desenvolvimento.

- Respeito integral dos direitos humanos e os direitos intrínsecos dos povos indígenas, mulheres, crianças e migrantes.
- Reconhecimento completo da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.
- Reconhecimento e defesa dos direitos da Mãe Terra para garantir a harmonia com a natureza.
- Garantir o cumprimento dos compromissos dos países desenvolvidos através de um Tribunal Internacional de Justiça Climática.
- Rejeitar os novos mecanismos de mercados de carbono que simplesmente transferem a responsabilidade pela redução das emissões de gases com efeito de estufa dos países desenvolvidos para países em desenvolvimento.
- Promoção de medidas que alteram os padrões de consumo dos países desenvolvidos.
- Adoção de medidas necessárias em todas as instâncias relevantes para excluir da proteção dos direitos de propriedade intelectual no quando envolve tecnologias ecologicamente sustentáveis que servem para mitigar as mudanças climáticas.
- Os países desenvolvidos alocarão 6% do seu produto nacional bruto para as ações relativas às Mudanças Climáticas.
- A gestão integrada da floresta, para a mitigação e adaptação, sem mecanismos de mercado e assegurando a plena participação dos povos indígenas e comunidades locais.
- A proibição da conversão de florestas naturais para plantações, uma vez que as plantações de monoculturas não são florestas. Deveria incentivar a proteção e conservação das florestas naturais.

16 de agosto de 2010

# Fórum "Mudanças Climáticas e Justiça Social"

**D**e que maneira nossas organizações podem contribuir para reverter as mudanças climáticas, que este ano causaram destruição em vários continentes?

O "Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social" procura ajudar grupos e comunidades brasileiras a descobrir essas respostas, a partir de sua própria realidade, e dentro de uma visão global. Percorrendo o Brasil, o Fórum pretende chegar a todas as regiões, realizando pelo menos dez seminários.

Ivo Poletto, que é um dos assessores do Fórum, diz que os objetivos do Fórum são, em primeiro lugar, melhorar a compreensão das

**"Eu estou cada vez mais convencido de que, na América Latina, quem mais está inovando politicamente são os povos indígenas. Eles vieram como portadores de princípios diferentes, de qualidades diferentes. Eles vêm com a autoridade de quem vive há doze (ou mais) mil anos no mesmo território."**

mulheres yanomami na hora da merenda. Foto: Maria Edna de Brito

As iniciativas podem ser a nível local, mas também mais amplas, como pressionar os governos a combater as mudanças climáticas.

Os debates começam com os participantes sendo convidados a dizer como percebem os efeitos das

mudanças climáticas em sua região. Após isto, a assessoria parte para o aprofundamento, tratando a questão de modo mais global. O seminário aponta como a região em questão aparece no quadro das mudanças climáticas, ou seja, se ela está de alguma maneira tendo parte no processo de emissão de carbono na atmosfera.

Também se procura saber se na região existem iniciativas de combate às mudanças climáticas. O seminário valoriza a espiritualidade das comunidades locais na sua relação com a natureza, pois é a manifestação de uma relação de equilíbrio.

Isto ajuda a fazer o contraste com a ideologia "produtivista", que faz o mercado avançar sobre os recursos naturais, esgotando a terra, secando rios, derrubando as florestas, para produzir em alta velocidade. A riqueza se concentra nas mãos de uma minoria, que vai se perpetuando no poder, monopolizando o direito de decidir sobre as políticas ambientais.

Ivo Poletto reafirma a necessidade de uma mudança política para conter o aquecimento global, e nesta luta, considera os povos indígenas como os grandes portadores da novidade. Os povos indígenas assumem a dianteira na proposição de formas políticas renovadas, que privilegiem a relação com a Mãe Terra.



Ivo Poletto.  
Foto: Nello Ruffaldi



Uma publicação a serviço dos povos indígenas e da Amazônia.

## ASSINATURA ANUAL:

Não-índio: R\$ 30,00

Índigena: R\$ 15,00

Apoio: R\$ 60,00

EXEMPLARES AVULSOS: R\$ 3,00

## Marque aqui o seu tipo de assinatura:

- Nova
- Renovação
- Índigena
- Apoio

## Pagamento

- Cheque Nominal
- Depósito Bancário

Em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

## Depósito Bancário:

Banco Bradesco Agência 3109-7

Conta Corrente 135641-0

Em nome de Conselho Indigenista Missionário

Para fazer assinatura do Mensageiro, preencha o cupom no verso desta página, e envie para o endereço abaixo.

Editora Mensageiro  
Caixa Postal 41  
66017-970 Belém, Pará

fone: 091- 3252 - 4164  
Fax: 091- 3252 - 2312  
E.mail: cimiblm@amazon.com.br

# HIDRELÉTRICA DE DARDANELOS

## Indígenas protestam contra usina hidrelétrica em Mato Grosso

Indígenas de 11 etnias diferentes protestam contra a falta de informações sobre os impactos da construção da usina hidrelétrica de Dardanelos, em Aripuanã, Mato Grosso.

De acordo com Fernando Rikbaktsa, que vive na região afetada, as etnias locais nunca foram consultadas sobre a construção da usina. Segundo as comunidades, a hidrelétrica está em cima de um cemitério. Além disso, a obra causa diversos impactos ambientais, entre eles a poluição do rio Juruena.

Em uma manifestação pacífica, os indígenas ocuparam o canteiro das obras em protesto por não terem recebido respostas sobre os impactos da obra. Em resposta às



manifestações, houve uma reunião entre os indígenas, representantes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), secretaria de Meio-Ambiente de Mato Grosso, Casa Civil do Estado e Promotoria Federal.



Salto Dardanelos, beleza ameaçada.



Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

**Importante: Envie por fax ou correio – junto com o cupom preenchido o comprovante (ou cópia) do seu depósito**



## Ato de repúdio à assinatura do contrato de Belo Monte

26 de agosto em Brasília: Lideranças indígenas estiveram em frente ao Palácio do Planalto para protestar contra a assinatura do Decreto de outorga e o contrato de concessão da UHE Belo Monte com o Consórcio Norte Energia, durante sessão de reinauguração do Palácio. No ato, eles seguraram faixas

onde repudiavam a ação do governo federal em destruir o meio ambiente em prol de um desenvolvimento a qualquer custo. Eles

ainda vedaram as bocas simbolizando a total ausência de diálogo entre as comunidades que serão atingidas pela obra e o Estado até o momento.

Marcos Apurinã, coordenador

da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), ressaltou o significado da assinatura desse Decreto. "É um ato de violência contra os povos indígenas, ribeirinhos, camponeses e a população em geral. Lula está assinando a sentença de morte dos povos indígenas de todo país. Isso é dramático para nós!", declarou.

Para Marcos, o sentimento é de que os povos indígenas não estão em seu próprio país. Segundo a liderança Apurinã, é uma grande tristeza ver que este governo enganou, em muitos aspectos, os povos indígenas. "Mas o movimento indígena vai continuar sua luta, são mais de 500 anos de resistência e nós não vamos parar agora!", finalizou.



Marcos Apurinã



## Criada a Secretaria de Saúde Indígena

No início de agosto, líderes indígenas estiveram em Brasília para pressionar os senadores pela criação da Secretaria de saúde Indígena (Sesai).

Valdenir França, da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) explica: "Diante de tantas mortes de crianças, jovens e adultos nas aldeias por falta de atendimento, queremos que os senadores nos ajudem a corrigir o sistema (de saúde pública)". "Os políticos têm de saber que em muitas regiões a população indígena vai definir a eleição de senadores e deputados. Inclusive no Amazonas, onde há a maior população indígena que vota. Estamos correndo atrás de saber quem tem compromisso com a saúde dos índios, quem são parceiros e quem não é", afirma França.

A criação de uma secretaria específica foi uma promessa de Luiz Inácio Lula da Silva na campanha de 2002.

O órgão terá funcionários contratados especialmente para a função, por

meio de concursos públicos. Questões como saneamento básico em terras indígenas também teriam tratamento distinto.

O Senado aprovou a criação da Secretaria dando-a status de Ministério, que significa estar vinculada diretamente à Presidência, podendo acionar os outros ministérios quando necessário.

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão garante que o Presidente Lula assinará o decreto no início de setembro: "Está tudo pronto. Essa é uma reivindicação histórica de todas as etnias, temos que melhorar a qualidade do atendimento aos 400 mil índios brasileiros".



## MJ suspende portarias de terras Guarani, no norte de Santa Catarina

Defendendo interesses particulares em detrimento aos direitos originários dos povos indígenas, o ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, suspendeu as portarias declaratórias das terras indígenas Guarani Mbyá Morro Alto, Piraí, Tarumã e Pindoty, nos municípios de São Francisco do Sul e Araquari, em Santa Catarina.

Com ações judiciais contra demarcação de terras indígenas, donos de terras, empresários de marcas como a Karsten e a Fundação Tupy, conseguiram atravancar o processo demarcatório destas terras. Cerca de 300 pessoas entraram com ações, representadas pela Associação de Proprietários Interessados em Imóveis nas Áreas Indígenas no Norte de SC (Apis) e o juiz da 1ª Vara Federal de Joinville deferiu a ação, suspendendo os efeitos das portarias assinadas pelo então ministro da Justiça, Tarso Genro, em 2009.

Adriano Guarani, indígena que faz parte de uma das comunidades afetadas, manifestou sua tristeza sobre a re-



Guarani M' Byá. Foto: Denise Gramelick

vogação do Decreto. "Esse retrocesso é uma questão política. Aqui na região os empresários, os produtores, até as prefeituras não querem demarcação de terras indígenas! Foi um ato que nós não entendemos do ministro, porque a gente confiava nele e agora ele faz isso", ressaltou. De acordo com Adriano, são mais de 500 pessoas que serão atingidas e ficarão sem espaço para morar e de onde retirar seu sustento. "Estamos de luto, mas precisamos reagir, vamos organizar uma manifestação de repúdio porque desse jeito não pode ficar!", finalizou.

## Quanta terra é suficiente?

### Campanha Pelo Limite Da Propriedade Da Terra No Brasil: em defesa da Reforma Agrária e da Soberania Alimentar e Territorial

Mais uma vez brasileiros se unem para denunciar a injusta concentração da propriedade no Brasil e exigir do Estado:

1. **A realização da reforma agrária;**
2. **A soberania territorial** – o domínio e o controle sobre o território brasileiro;
3. **A soberania alimentar** – que o Brasil defina suas próprias políticas e estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos.

A Constituição Federal define que a propriedade deve cumprir sua função so-

cial, mas não estabelece um limite para a mesma. É a total privatização da terra e sua transformação dela em mercadoria. A cada dia novas áreas são incorporadas pelo agronegócio para os monocultivos da soja, do algodão, da cana, do eucalipto e outros. E cresce o número de pessoas e de grupos estrangeiros que compram terras no Brasil. O agronegócio avança, inclusive, sobre áreas de preservação ambiental ou ocupadas por populações indígenas e tradicionais.

Em todo o Brasil há postos de votação em um plebiscito popular para mostrar de forma contundente a vontade do povo brasileiro por uma terra protegida e bem distribuída para que ela possa dar fartura para todos.

# ADEUS! GRANDE CACIQUE!

**M**anoel Felizardo dos Santos, do povo Galibi-Marworno -T.I. Uaçá, faleceu em 28 de agosto de 2010. Como falou dona Zenilda do povo Xukuru, entregando o corpo do seu marido Xicão à terra de Ororubá: *"Ele não está sendo enterrado; está sendo plantado e dele nascerão novos guerreiros na defesa de seu povo!"* Nós também te plantamos grande cacique e amigo. Que o teu exemplo, a tua luta em defesa da terra, da dignidade do povo índio, de um futuro mais garantido para os povos indígenas de Oiapoque, seja continuado pelos jovens de teu povo.

De Felizardo eu gosto de lembrar duas qualidades: a de dirigente espiritual da igreja, consciente, perseverante e a de grande liderança indígena. Organizou



a igreja, orientou o povo, mostrou o caminho da vida e ao mesmo tempo lutou de maneira determinada. No começo da década de 80 liderou o grupo de Galibi-Marworno que fechou a BR 156 que estava cortando a reserva sem o prévio consentimento dos índios. Participou em eventos e assembleias pelo Brasil afora e em 1983 sua aldeia de Kumarumã recebeu uma grande Assembleia Indígena Nacional.

Adeus Felizardo! Para quem viveu amando o seu povo, a sua família, os seus amigos, a vida continua! Agora participa da grande festa junto com Ângelo Kretã, Xicão Xucuru, Marçal Guarani, Simão Bororo e com Maciel, Paulo, Manoel Primo, Tangahá, Sabá, e todos aqueles que viveram e lutaram para o seu povo e os Povos Indígenas.



*Texto e fotos de:  
Padre Nello Ruffaldi  
amigo de Felizardo,  
padre do povo Galibi-Marworno,  
editor do Mensageiro.*

## **Mensagem urgente para todos os Líderes Espirituais e Religiosos no mundo inteiro.**

**M**eus parentes,

**E**stá na hora de falar aos corações de nossas Nações e seus Líderes. Do fundo do meu coração convoco todos para se juntarem em oração.

**E**nquanto eu estou mandando esta mensagem, muitas Nações Animais estão ameaçadas: aqueles que nadam, aqueles que se arrastam, aqueles que voam, e as Nações de Plantas. Eventualmente todos sofrerão os efeitos do desastre do vazamento de petróleo no Golfo de México.

**O**s perigos que enfrentamos agora não são do espírito. A catástrofe que se deu com este petróleo que parece ser o sangramento de nossa Avó Terra, é feito por erros humanos que não podemos continuar cometendo.

**E**u peço que, como Líderes Espirituais, nós nos unamos em oração com nossas Comunidades. Minha preocupação é que estas situações vão piorar como nossos antepassados nos alertaram em suas profecias.

**E**u sei em meu coração que milhões de pessoas acham que nossas orações unidas por nossa Avó Terra são muito ultrapassadas. Acredito que nós, como pessoas espirituais temos que focalizar nossos pensamentos e orações para que a Terra possa sarar dos muitos ferimentos e agressões que tem sofrido.

**R**ezamos pelas pessoas que estão tentando reparar os males causados. E que nós procuremos viver em harmonia ao escolher mudar o caminho da destruição em que nos encontramos.

**A**o rezar, entenderemos que estamos todos ligados. E que o que nós criamos tem efeitos duradouros em toda a Vida.

**P**ortanto, vamos unir-nos espiritualmente, todas as Nações, Todas as Crenças em uma só Oração. Que seja no meio da natureza, um templo, uma igreja, uma sinagoga, ou mesmo seu espaço sagrado pessoal, façamos uma oração para toda vida, para boas decisões dos governantes, para o futuro de nossos filhos e as gerações que hão de vir.

**O**nipikte (que nós vivamos!)

*Mensagem de Chief Looking Horse*

*(Cacique Cavalo que observa)*